

O desejo de não mais desejar: Meursault, de *L'étranger*, além do princípio do prazer de Freud

ANGELA REGINA BINDA DA SILVA

Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

e-mail: angela.binda@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa pretende se utilizar de alguns conceitos da psicanálise de Sigmund Freud que se fazem presentes no texto *Além do princípio do prazer* (1920) - especialmente o de que os processos mentais se esforçam para alcançar o prazer e evitar o desprazer, mantendo a quantidade de excitação no interior do aparelho psíquico o mais baixo possível, ou pelo menos constante - para justificar o modo de vida apático e indiferente do personagem Meursault, de Albert Camus, acrescentando mais uma possível leitura à obra *L'étranger* pelo viés da psicanálise.

Palavras-chave: prazer, desprazer, Meursault, Freud, pulsão.

Abstract: This research aims to use some concepts from psychoanalysis of Sigmund Freud that are present in the text *Beyond the Pleasure Principle* (1920) – especially the mental processes that make efforts to achieve pleasure and avoid displeasure, keeping the amount of excitement within the psychic apparatus as low as possible, or at least constant - to justify the apathetic and indifferent way of life of the character Meursault, by Albert Camus, adding another possible reading of the book *The Stranger* through the bias of psychoanalysis.

Keywords: pleasure, displeasure, Meursault, Freud, drive.

Será que, em tempos narcisistas, competitivos e exibicionistas como os nossos, é reconfortante ler um investigador que não tem medo de confessar seus fracassos e que elabora suas teorias de modo sempre aberto à crítica? Será que Freud é lido porque é raro encontrar quem escreva como se conversasse com o leitor, fazendo dele, na verdade, um interlocutor?
Nina Saroldi

Sigmund Freud nasceu em Freiberg, em 1856, na região da Morávia, hoje parte da República Tcheca. Albert Camus nasceu em 1913, em uma fazenda perto de Mondovi, na Argélia. É no prefácio da edição de *O mal estar na cultura* (2010), que Paulo Endo e Edson Souza destacam que Freud, grandemente admirado até os dias de hoje, não é considerado apenas o pai da psicanálise, mas o fundador de uma forma muito particular e inédita de produzir ciência e conhecimento. Albert Camus, com sua literatura, desperta até hoje o interesse da crítica literária por seu estilo simples e brilhante, mas também porque soube contribuir substancialmente para o homem do seu tempo defendendo a liberdade individual e uma vida sem mentiras e de ajuda mútua.

Para Hélder Ribeiro (1996, p. 38), Camus foi tão importante porque viveu e representou todos os nossos dilaceramentos, as nossas confusões, os nossos sonhos e

nostalgias. Vicente Barreto também escreve sobre a importância da obra de Camus:

A importância da obra camusiana na hora presente transborda o interesse literário e insere-se no cerne da discussão sobre o destino do homem na segunda metade do século XX. Os estudos que foram, são e ainda por muito tempo serão escritos sobre Camus testemunham a presença de suas idéias [...] Para a busca de seu destino e o reencontro de sua vocação, o homem ocidental deverá conhecer a obra camusiana. O pensamento de Albert Camus representa para as gerações atuais uma fonte da qual poderão tirar ricos ensinamentos para a ação (1997, p. 7).

Para destacar a relevância de Freud, mais uma vez damos voz a Paulo Endo e Edson Souza, que ressaltam no prefácio da obra *O mal estar na cultura* (apud FREUD, 2010, p. 7):

Seus estudos sobre a vida inconsciente, realizados ao longo de toda a sua vasta obra, são hoje referência obrigatória para a ciência e a filosofia contemporâneas. A sua influência no pensamento ocidental é não só incontestada, como não cessa de ampliar seu alcance, dialogando com e influenciando as mais variadas áreas do saber, como a filosofia, as artes, a literatura, a teoria política e as neurociências.

Apesar da vasta literatura que Freud e Camus deixaram para os homens, e da grande influência que seus escritos exercem sobre os estudiosos das mais diversas áreas de atuação, esta pesquisa se ocupa especialmente em utilizar alguns conceitos encontrados no texto de Freud, *Além do princípio do prazer* (1920), para justificar as ações e o modo de vida do protagonista Meursault, da obra *L'étranger*, de Albert Camus.

Nossa pretensão aqui, não se limita apenas à descrição do comportamento frio e apático do célebre personagem Meursault, de *L'étranger*, e sua inserção no absurdo proposto por Camus, mas sim, unir literatura e psicanálise a fim de oferecer mais uma proposta de leitura à obra do escritor francês, por meio dos conceitos da psicanálise de Freud¹.

Literatura e psicanálise se unem aqui sem nenhuma pretensão de deixar de lado a teoria do absurdo utilizada por Camus ainda em vida para descrever a apatia e o comportamento frio do célebre personagem de *L'étranger*, mas para contribuir com o enriquecimento dos estudos sobre a obra de Camus, oferecendo uma leitura de uma de suas obras mais célebres por meio dos conceitos da psicanálise de Freud.

¹ Muitas são as explicações de Camus em *Le Mythe de Sisyphe* para descrever o absurdo. De acordo com o escritor (1942a, p.101), «[...] dans un univers soudain privé d'illusions et de lumières, l'homme se sent un étranger [...] ce divorce entre l'homme et sa vie, l'acteur et son décor, c'est proprement le sentiment de l'absurdité». “[...] num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, o homem se sente um estrangeiro [...] esse divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário é propriamente o sentimento do absurdo” (2008, p. 20). O absurdo não pode ser considerado como uma criação mental ou uma realidade física, mas sim como a procura do homem por respostas. O absurdo ainda pode ser considerado o vazio de um mundo que não tem como responder as perguntas do homem. Camus acrescenta que o absurdo “c’est ce divorce entre l’esprit qui désire et le monde qui déçoit [...]” (1942a, p. 135): “[...] é o divórcio entre o espírito que deseja e o mundo que o decepciona” (2008, p. 62).

Freud publicou *Além do Princípio do Prazer* em 1920. Ao mesmo tempo considerado admirável e avassalador, o texto foi mal aceito e até hoje não agrada a muitos psicanalistas que se sentem “desconfortáveis com a proposição de uma pulsão de morte autônoma e independente das pulsões de vida. Nesse artigo, Freud refaz os alicerces da teoria psicanalítica ao propor novos fundamentos para a teoria das pulsões” (ENDO; SOUZA, 2010, p. 16).

Camus, por sua vez, publicou *L'étranger* em 1942, uma obra que causa estranheza e desconforto no leitor desde a primeira frase, quando o narrador diz (1942b, p.9): “Aujourd’hui, mamam est morte. Ou peut-être hier, je ne sais pas. J’ai reçu un télégramme de l’asile: ‘Mère décédée. Enterrement demain. Sentiments distingués’. Cela ne veut rien dire. C’était peut-être hier”². Essas sensações são causadas pela indiferença do protagonista Meursault diante da morte de sua mãe e aliadas à falta de sentimentos aparentes no convívio com as pessoas que o cercam.

Segundo Leopoldo Fulgencio, em seu artigo “Aspectos empíricos e metapsicológicos do princípio do prazer em Freud” (2009), o pai da psicanálise assume o princípio do prazer como sendo a função geral do psiquismo, a procura do prazer e a fuga do desprazer, um fato presente tanto nos processos conscientes quanto inconscientes. Com base nisso, ressaltamos o comportamento de Meursault que evita situações que possam lhe causar qualquer tipo de desprazer e o levem a sair da sua zona de conforto. Suas ações parecem sempre estar em um nível constante de um equilíbrio inabalável.

A forma como Meursault percebe o mundo que o rodeia é muitas vezes incompreensível para o leitor. Os fatos de real significância como a morte de sua mãe, ou o resultado do seu julgamento são tratados por Meursault de uma forma indiferente, como se as emoções normalmente afloradas por situações como essas não fizessem parte de sua vida.

O comportamento de Meursault denuncia um homem que parece desconhecer totalmente as regras mais essenciais da sociedade. Ele é indiferente ao que as pessoas geralmente buscam durante toda a vida. Meursault não tem ambição por dinheiro, não se importa com a formação de uma família, não planeja o seu futuro e não sabe como se comportar em um tribunal.

Quando seu patrão fala sobre uma boa oportunidade de emprego em Paris, Meursault não demonstra qualquer tipo de reação. Qualquer coisa que venha a mudar a estabilidade de sua vida não lhe interessa. Sua resposta ao convite feito por seu chefe é indiferente e deixa claro um sentimento de ausência de ambição (1942b, p.66):

J’ai dit que oui mais que dans le fond cela m’était égal. Il m’a demandé alors si je n’étais pas intéressé par un changement de vie. J’ai répondu qu’on ne changeait jamais de vie, qu’en tout cas toutes se valaient et que la mienne ici ne me déplaisait pas du tout. Il a eu l’air mécontent, m’a dit que je répondais toujours à côté, que je n’avais pas d’ambition et que cela était désastreux dans les affaires.³

² “Hoje mamãe morreu, ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: ‘Mãe morta, enterro amanhã. Sinceros pêsames’. Isto não esclarece nada, talvez tenha sido ontem” (2005, p. 7).

³ “Disse que sim, mas que no fundo tanto fazia. Perguntou-me, depois, se eu não estava interessado em uma mudança de vida. Respondi que nunca se muda de vida; que, em todo caso, todas se equivaliam, e que a minha aqui não me desagradava em absoluto. Mostrou-se descontente, ponderando que eu respondia sempre à margem das questões, que não tinha ambição e que isto era desastroso nos negócios” (2005, p. 45).

No texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911), Freud destaca que tudo o que possa despertar desprazer acaba por ser afastado pela atividade psíquica, e os processos mentais inconscientes se esforçam por alcançar o prazer.

Partindo especialmente deste ponto, voltemos mais uma vez ao personagem de Camus que tem as ações conduzidas pelo tédio e pela rotina na primeira parte da narrativa de *L'étranger*. Meursault se submete a uma vida banalmente cotidiana. Seu universo na obra é basicamente resumido ao seu quarto, seu escritório, seu bairro e à praia em que passeia com a namorada Marie e o vizinho Raymond. Todos os acontecimentos da vida de Meursault estão no mesmo plano e nenhum tem mais importância do que o outro. Sua vida é sem brilho e composta de experiências ordinárias.

De acordo com o pesquisador Fulgencio (2009, p. 3):

Em 1924, Freud expõe um fato que, para ele, não poderia ser rejeitado: o princípio do prazer é descrito como vigia de nossa vida. Freud dizia que os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo que o seu primeiro objetivo é evitar o desprazer e obter o prazer [...].

Meursault não tem certeza de nada, não é firme em suas respostas, e pequenas frases como “tanto faz”, “isto não quer dizer nada”, ou “não importa” estão presentes durante toda a narrativa. Camus descreve a vivência de um personagem submerso em uma rotina constituída por atos simples e repetitivos cuja filosofia de vida parece ser a de viver sem preocupar-se com nada. Sem emoções aparentes, Meursault enterra sua mãe que vivia em um asilo, começa um relacionamento com uma antiga datilógrafa do escritório onde trabalhava, e mantém contato com seu vizinho Raymond. O personagem é indiferente às coisas que o cercam e coloca todas as suas experiências em um mesmo nível de significação.

Ao analisarmos detalhadamente a vida de Meursault, façamos, pois, uma ligação dos atos do personagem com as palavras de Oswaldo Giacoia, que ressalta a base empírica e o ponto de partida de Freud para as hipóteses levantadas em *Além do princípio do prazer*: “[...] o aparelho psíquico tem como tarefa fundamental manter a quantidade de excitação em seu interior no nível mais baixo possível, ou pelo menos em um nível constante [...]” (2008, p. 13).

De fato, Meursault não vivencia momentos de grandes desgostos ou de alegria, não tem um amor exaltado e não chora no enterro de sua mãe. Ele ainda não dá mostras de qualquer interesse intelectual, político ou artístico. Suas distrações são insignificantes, como ler algum pedaço de jornal velho em seu quarto e na prisão, ou ficar na varanda de sua casa vendo a movimentação das pessoas na rua.

Camus abre a obra *L'étranger* anunciando a morte da mãe de Meursault. Tanto o velório quanto o enterro são presenciados pelo personagem sem qualquer alteração de humor, e num equilíbrio constante. Não há choro ou lamentações. O personagem apenas acompanha tudo de maneira indiferente e satisfaz suas necessidades básicas como comer e dormir sem qualquer diferença dos outros dias de sua vida.

De acordo com Fulgencio (2009, p. 3), “Freud retoma que o princípio do prazer é uma tendência que opera a serviço de uma função, cujo objetivo é libertar inteiramente o aparelho mental de excitações, além de conservar a quantidade de excitação constante nele, ou mantê-la tão baixa quanto possível”. Sendo assim, o ser humano procura o prazer e evita a dor, conceito da psicologia clínica de Freud. Endo e Souza (2010) ainda destacam que o desejo de não mais desejar resultaria na morte psíquica. Eis o con-

ceito de pulsão de morte que ataca o psiquismo como tendência e forças capazes de provocar a dor, a paralisia e a destruição, e que poderiam paralisar o trabalho do eu.

Sob o forte brilho do sol de Marengo (a oitenta quilômetros de Argel), Meursault sepulta sua mãe. A maneira com que o personagem lida com a morte da própria mãe é suscetível de causar certa repulsa nos leitores que se deparam com tamanha indiferença de um filho diante da perda de um ente geralmente tão estimado. Meursault não exterioriza, pois, nenhum sofrimento pela morte de sua mãe, e um dia depois que a enterra, distrai-se com uma antiga colega de trabalho e vai ao cinema com ela assistir a um filme de comédia. Leiamos, pois, as palavras de Fulgencio (2009, p. 2):

Freud, ao se apoiar na idéia [sic] de Fechner de que o princípio governante de todos os processos mentais constitui um caso especial de "tendência no sentido da estabilidade", atribuiu ao aparelho psíquico o propósito de reduzir a nada ou de manter o mais baixo possível as somas das excitações que fluem sobre ele.

É importante reiterar que Meursault é um personagem que mantém os acontecimentos de sua vida equilibrados em um mesmo nível de significação. Seus atos e emoções tendem sempre à estabilidade. Este aparente equilíbrio faz com que ele enterre sua mãe em um dia e, no outro, saia com uma mulher para divertir-se no canal da cidade e começar um relacionamento que é levado adiante sem qualquer tipo de demonstração de sentimentos pela parte do protagonista de *L'étranger*. Meursault não usa palavras doces nem demonstra gestos afetuosos por sua namorada e decepciona Marie que já começava a vislumbrar um futuro com ele. O personagem se apresenta durante toda a obra em um estado tórpido, sem alguma excitação, e parece-nos fugir de qualquer escolha que lhe cause dor, desprazer ou destitua a possível estabilidade que sua vida nos aparenta ter.

Em suas pesquisas, Giacoia (2008) ressalta a correspondência analógica existente entre o princípio do prazer – como elemento dominante na vida mental, e o princípio da constância – que determina a tendência de manutenção das quantidades de energia no interior de sistemas mecânicos em níveis constantes. Giacoia (2008, p. 31) ainda complementa:

[...] os princípios do prazer e da constância remetem um ao outro, sendo o primeiro um modo de funcionamento secundário do aparelho mental – determinado sob pressões e exigências da realidade em que se insere o organismo. Isso significa dizer que o princípio do prazer pode ser pensado em analogia com o princípio da constância, sendo este considerado dispositivo regulador dos regimes de energia no interior de sistemas fisiológicos.

Podemos entender o princípio da constância como outra maneira de formular o princípio do prazer, uma vez que a hipótese enunciada por Freud é a de que o aparelho mental se esforça para manter seu nível de excitação o mais baixo possível ou ao menos mantê-lo constante.

Constância, pois, é o que os atos de Meursault expressam durante toda a obra de Camus. A apatia do personagem é contínua, e todos os aspectos de sua vida – emprego ou relações amorosas, por exemplo – estão sempre em um mesmo patamar. Ma-

rie mostra-se sensível e esforça-se para ter algum tipo de retorno do namorado. Quando pergunta se ele a amava, ele diz: “Je lui ai répondu que cela ne voulait rien dire, mais qu’il me semblait que non” (1942b, p. 57)⁴. As respostas indiferentes de Meursault claramente entristecem Marie, que retoma o assunto, dessa vez perguntando se ele queria casar-se com ela. Mais uma vez, Meursault não faz escolhas: «J’ai dit que cela m’était égal et que nous pourrions le faire si elle le voulait» (1942, p. 67)⁵.

Segundo Meursault, o casamento não tem importância e não é uma coisa séria. Essa opinião causa espanto em sua namorada Marie. Ela, que é a pessoa mais próxima de Meursault durante a narrativa, expõe sua opinião a respeito dele: «[...] elle a murmuré que j’étais bizarre [...]» (1942b, p. 68)⁶. Quando Marie fala que não poderia jantar na pensão de Céleste com Meursault porque tinha o que fazer, a moça precisa perguntar: « Tu ne veux pas savoir ce que j’ai à faire? » Meursault responde: «Je voulais bien le savoir, mais je n’y avais pas pensé [...]» (1942b, p. 69)⁷.

Camus dividiu *L’étranger* em duas partes. A primeira é iniciada com a morte da mãe do personagem e descreve – além do velório e enterro da mesma – a rotina de Meursault. O equilíbrio dessa vida apática é quebrado no fim da primeira parte quando Meursault assassina um árabe aparentemente sem razão. Na segunda parte de *L’étranger*, Meursault narra seu processo de instrução, seu julgamento, e a maneira indiferente com que ele se comporta frente a essas situações. É, pois, o assassinato que Meursault comete no fim da primeira parte da obra que pretendemos ressaltar.

Após cometer um assassinato em uma praia, a pacata vida do personagem principal de *L’étranger* muda de repente. Meursault atira cinco vezes em um árabe que havia tido problemas com seu vizinho Raymond anteriormente (1942b, p. 93). O crime, aparentemente sem razão, leva Meursault à prisão, ao julgamento e a uma dura sentença de morte. O texto sobre o assassinato do árabe finaliza a primeira parte de *L’étranger* e marca a mudança do estilo de vida de Meursault. O que era antes do crime uma vida banalmente rotineira será depois dele uma sucessão de interrogatórios, e o personagem estará privado de tudo o que mais gosta: a natureza, a namorada e sua liberdade.

O lugar que deveria proporcionar descanso para Meursault é o cenário onde o equilíbrio do dia é quebrado (1942b, p. 92-93):

C’est alors que tout a vacillé. La mer a charrié un souffle épais et ardent. Il m’a semblé que le ciel s’ouvrait sur toute son étendue pour laisser pleuvoir du feu. Tout mon être s’est tendu et j’ai crispé ma main sur le revolver. La gâchette a cédé, j’ai touché le ventre poli de la crosse et c’est là, dans le bruit à la fois sec et assourdissant, que tout a commencé. J’ai secoué la sueur et le soleil. J’ai compris que j’avais détruit l’équilibre du jour, le silence exceptionnel d’une plage où j’avais été heureux. Alors, j’ai tiré encore quatre fois sur un corps inerte où les balles s’enfonçaient sans qu’il y parût. Et c’était comme quatre coups brefs que je frappais sur la porte du malheur.⁸

⁴ “Respondi-lhe que isto não queria dizer nada, mas que parecia que não” (2005, p. 38).

⁵ “Disse que tanto fazia, mas que se ela queria, poderíamos nos casar” (2005, p. 45).

⁶ “[...] murmurou que eu era uma pessoa estranha [...]” (2005, p. 46).

⁷ “Não quer saber o que tenho que fazer?” “Eu queria muito saber, mas não tinha pensado nisso [...]” (2005, p.47).

⁸ “Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão deixando chover fogo. Todo o meu ser se retesou e crispei a

Voltemos, pois, à psicanálise para ressaltarmos que “Freud admite a equiparação entre desprazer e o aumento de quantidades de excitação (energia, impulsos ou estímulos) acorrentes no interior do aparelho, o prazer consistindo na eliminação dessa quantidade, em sua redução ou em sua manutenção em níveis constantes” (GIACCOIA, 2008, p. 26).

Faz-se possível ilustrar a hipótese de Freud com o assassinato que Meursault comete, uma vez que o grande aumento de excitação no interior do aparelho do personagem possivelmente acarreta seu grande ponto de desequilíbrio e desprazer.

Meursault compreende que quebrou o equilíbrio de um lindo dia de sol que iluminara uma sucessão de fatos simples, mas felizes: suas brincadeiras dentro do mar com Marie, o prazer de se deitar na areia quente da praia, o agradável almoço com Masson e a esposa, Marie e Raymond, a caminhada com os homens, e todas as risadas que eles haviam compartilhado até aquele momento.

Meursault tinha uma vida organizada com emprego fixo, namorada e alguns vizinhos que demonstravam simpatia por ele. Além disso, ele encontrava prazer na natureza e tinha alguns momentos de lazer como ir ao cinema com o colega de escritório Emmanuel ou banhar-se no porto. Além do equilíbrio do dia, Meursault compreendia que destruíra também o equilíbrio de sua vida.

O personagem estava ciente de que sua vida mudaria a partir daquele momento, pois fez uma relação dos quatro últimos tiros que disparou contra o árabe com quatro batidas secas na porta da desgraça. Meursault ainda diz a frase “C'est alors que tout a vacillé” (1942b, p. 93)⁹, como se ela expressasse a culminância de todo aquele calor que ele já não conseguia mais suportar na cena do assassinato. Meursault dá ao leitor a impressão de que a decisão de cometer o crime pode ter sido tomada ali e, logo em seguida, atira uma e depois mais quatro vezes no árabe (1942b, p. 93).

Ao matar o árabe, é muito provável que o movimento psicofísico de Meursault tenha se elevado além de certa medida, o que explicaria o sentimento de desprazer do personagem demonstrado por ele mesmo no momento do assassinato. Meursault, por certo tempo, dá lugar ao desprazer em detrimento de sua estabilidade completa. Ao ser preso, porém, retoma o equilíbrio que havia perdido no momento do crime.

Uma vez que se admita – no caso da psicanálise – que o aparelho psíquico se esforce para manter o nível de excitação afluente no psiquismo o mais baixo possível - ou pelo menos constante -, é possível entender que o assassinato que Meursault comete na praia tenha possivelmente favorecido o aumento do nível da quantidade de excitação, e por isso seja considerado como algo não agradável e que traga desprazer.

A respeito das relações entre prazer e desprazer aqui propostas, Ricoeur (apud GIACCOIA, 2008, p. 30-31) observa com total propriedade que:

[...] os fenômenos de prazer e desprazer se relacionam com a quantidade de excitação presente no espírito, correspondendo o desprazer a um crescimento da quantidade de excitação, e o prazer, à sua diminuição. Há, pois, duas hipóteses: a primeira concerne à

mão sobre o revólver. O gatilho cedeu, toquei o ventre polido da coronha e foi aí no barulho ao mesmo tempo seco e ensurdecedor, que tudo começou. Sacudi o suor e o sol. Compreendi que destruíra o equilíbrio do dia, o silêncio excepcional de uma praia onde havia sido feliz. Então atirei quatro vezes ainda num corpo inerte em que as balas se enterravam sem que se desse por isso. Era como se desse quatro batidas secas na porta da desgraça” (2005, p. 63).

⁹ “Foi então que tudo vacilou” (2005, p. 63).

correspondência entre as sensações de prazer e desprazer e o aumento de uma quantidade de excitação; a segunda concerne ao esforço do aparelho psíquico para manter a quantidade de excitação nele acorrente no mais baixo nível ou pelo menos em nível constante. É uma hipótese concernente ao trabalho do aparelho psíquico e sua direção; é ela que constitui propriamente a hipótese da constância. A primeira hipótese permite transcrevê-la em princípio de prazer, e dizer que o princípio de prazer deriva do princípio da constância.

Giacioia ressalta ao seu leitor que sempre se faz importante lembrar que as hipóteses especulativas levantadas em *Além do princípio do prazer* decorrem da concepção de ciência adotada por Freud (2008b). Dessa forma, os atos de Meursault parecem refletir as palavras de Freud e por este motivo nos instigaram à formulação desta pesquisa.

As respostas às perguntas da epígrafe que abre esta pesquisa podem ser ao mesmo tempo sim e não. Sim, porque Freud foi brilhante tanto no campo da psicanálise quanto das letras. Sim porque não é necessário ter grande envolvimento com a psicanálise para encantar-se com a maneira fácil e quase íntima com que Freud escreve para seu leitor. Sim, porque Freud nos permite estender seus conceitos para diversas áreas do saber, como a literatura. E não porque resposta alguma é suficiente para de fato explicar por que é tão fascinante ler Freud. Precisamos concordar com Nina Saroldi para dizermos de forma simples e objetiva que lemos Freud porque é muito bom lê-lo.

Referências

- BARRETO, Vicente. *Camus: Vida e Obra*. 2 ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1997.
- CAMUS, Albert. *Le Mythe de Sisyphe*. Paris: Ed. Gallimard, 1942a.
- _____. *L'étranger*. Paris: Ed. Gallimard, 1942b.
- _____. *O mito de Sísifo*. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 5 ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.
- _____. *O Estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. 26 ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- FREUD, Sigmund. *O mal estar na cultura*. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: Ed. LPM, 2010.
- FREUD, Sigmund. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1969.
- FREUD, Sigmund. "Além do princípio do prazer", *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1987.
- FULGENCIO, Leopoldo. "Aspectos empíricos e metapsicológicos do princípio do prazer em Freud", in: *XIII Encontro de iniciação científica, 2008*. Campinas. Disponível em <http://www.puc-campinas.edu.br/pesquisa/ic/pic2009/resumos/%7BFEEA4404->

BA85-4359-8B94-0545BF42FD4A%7D.pdf. Acesso em 1 de fevereiro de 2012.

GIACCOIA, Oswaldo. *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008.

RIBEIRO, Helder. *Do absurdo à solidariedade: a visão do mundo de Albert Camus*. Lisboa: Ed. Estampa, 1996.